

DA AUTORA DE MUNDOS DE UMA NOITE SÓ

RENATA BELMONTE

PISCINAS

RUSSAS

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

RENATA BELMONTE

PISCINAS

RUSSAS

Copyright © Renata Belmonte, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Maitê Zickuhr
Revisão: Tamiris Sene e Wélida Muniz
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa: Renata Spolidoro
Imagem de capa: Pico Garcez
Modelo: Sarah Nagle
Tratamento de imagem: 2Art

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Belmonte, Renata
Piscinas russas / Renata Belmonte. – São Paulo : Planeta do
Brasil, 2025.
352 p. : il.

ISBN: 978-85-422-3693-4

1. Literatura brasileira I. Título

25-2447

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo I:

Você precisa saber da piscina

Desde o primeiro instante, somos capturados pela menina. Através dos seus olhos acompanhamos a cena, embora não sejamos capazes de conhecer a expressão que ela guarda no rosto, afinal já a encontramos, irremediavelmente, de costas para o mundo. Seus pés descalços demonstram ser o primeiro indício daquilo que mais tememos, pois em nada combinam com a sofisticada camisola vitoriana em que ela está vestida, ou mesmo com as tranças bem-feitas, as últimas pensadas pelas mãos de uma mãe. Naquele bosque, as árvores fazem companhia ao desespero da criança que, paralisada, escuta o vento soprar o terrível tempo que se anuncia. Logo em sua frente, no fundo da imagem, resta o lago impiedoso. Já dentro das águas, então, encontramos uma jovem mulher que caminha para seu fim. Ficamos com vontade de gritar, implorar que desista, que se lembre da filha pequena, mas a cada palavra frustrada, a cada tentativa perdida, descobrimos nossa própria impotência. Não, nada do que seja dito alterará aquele destino. O horror pode se fazer de calmarias e o azul do amanhecer, a composição toda feita em tons frios apenas confirma o interdito: mães morrem. Ou melhor: mães escolhem

morrer. E elas fazem isso mesmo sabendo que crianças indefesas terão que enfrentar suas existências sozinhas. Talvez, percebo agora, precise reformular o que acabei de dizer sob pena de cometer uma injustiça: não se trata exatamente de uma questão de escolha, mães são apenas pessoas que, em extremo padecimento, sentem-se impelidas a escrever um desenlace para suas vidas. Receberão essas mulheres decaídas, algum dia, um olhar compassivo da sociedade ou qualquer possibilidade de redenção? Quando, afinal, seremos capazes de respeitar a memória daquelas que seguiram rumo à autodestruição porque pareciam não encontrar alternativa? Ao lado da foto, encontramos um título: *A vírgula impossível*. Muito já se falou sobre essa obra tão impactante de Malena Matrice, apresentada em *Hiraeth*, sua exposição inaugural. Bastante também já se discutiu sobre seus usos de futuros pretéritos e seu desejo de invadir a esfera do inalcançável. Não, Malena não estava acordada quando do suicídio de sua mãe, tudo no seu quadro é imaginário, reconstrução do para sempre perdido. Não, Malena nada poderia ter feito para impedir o que ocorreu, embora, verdadeiramente, jamais tenha se convencido de tal fato. Anos atrás, a respeito desse seu trabalho, até então o mais bem avaliado de sua obra, ela apenas disse: “Para a maioria das mulheres, epílogos honestos são vedados. Não sou arte senão para lutar contra isso”.

“*Hiraeth* sempre foi sobre aquilo que, em tempo real, não cabia em imagens, o reino impossível da fotografia”, assim escreveu Malena, na edição comemorativa de uma década da mais icônica de suas exposições, símbolo absoluto do melhor da arte norte-americana dos anos oitenta.

E se sempre parece questionável fazer leituras da obra de alguém a partir de sua história pessoal, no caso de Matrice tal dissociação se mostra não apenas indesejada, mas também impensável. Porque ambigualmente a solidez de sua trajetória consiste justo no modo fluido e na confusão de personas que ela se propôs a adotar, ao longo do período em que esteve ativa. Deste modo, para que se possa adentrar nos corredores de sua alma, para que sejamos capazes de conhecer os complexos bastidores do seu processo criativo, é necessário que se suponha algum começo para tudo isso. E escolhemos como ponto de partida a data de sua primeira morte, aquele abril perdido, mês em que registros não se fizeram possíveis, período em que, verdadeiramente, ela sucumbiu para, em seguida, renascer artista.

No final de março de mil novecentos e sessenta e oito, as memórias do rigoroso inverno que havia tomado conta do Mississippi ainda estavam recentes demais para serem suportadas sem companhia. E os cada vez menos gélidos dias que se enunciavam eram não apenas a prova de que Malena Taylor Matrice, então com apenas sete anos, havia sobrevivido à separação tumultuada de seus pais, como também serviam de prenúncio para a chegada de tempos menos solitários em sua vida. Isso porque, depois de uma longa temporada no vazio, Vivian S. Taylor, sua jovem mãe de vinte e oito anos, estava conseguindo recobrar as forças que lhe pareciam desaparecidas. A cada dia, a cada pílula, ela manifestava um novo gesto em direção ao que, na época, era considerado a “normalidade psíquica” da “condição feminina”. Progressivamente, suas crises de choro cediam, bem como sua recusa em se alimentar. Bochechas

se desenhavam de novo em seu rosto e, além de acordar cedo para fazer o café da manhã, ela também já voltara a caminhar pelas redondezas com sua menina. Malena se lembra do orgulho que sentia ao desfilar com a mãe pela praça, em desmentir os olhares que davam Vivian como uma morta-viva. Se antes as duas vinham sendo alvo de comentários e sentimentos contraditórios por parte dos vizinhos, agora, já não mais na condição de pobres coitadas, elas pareciam capazes de andar com a cabeça erguida e davam passos largos no sentido de descobrir um novo destino para suas existências. Vivian, inclusive, já consentia visitas semanais do ex-marido à filha em sua casa, algo antes considerado impensável. É verdade que, nessas ocasiões, ela ainda se trancava exasperada no quarto ao sabê-lo na soleira de sua porta. Mas alguns gestos de civilidade, em momentos específicos, chegaram até a ser pronunciados. De algum modo, a perversa dinâmica daquela relação que travaram, enquanto ainda eram um casal, parecia mesmo que restaria apenas como uma tristeza a ser esquecida pelo mecanismo de autopreservação, algo a ser escamoteado no fundo de um depósito. Segundo se recorda Malena, “naquele período, a televisão apenas tratava do assassinato de Martin Luther King Jr. E Jane, a moça que havia assumido as tarefas domésticas da casa de minha mãe, com frequência se escondia para chorar por conta do assunto. Mesmo eu sendo apenas uma criança, já era capaz de me compadecer desta dor coletiva, dimensionava a importância do problema, até porque qualquer pessoa tomar um tiro era algo assustador e perceber que os jornalistas não paravam de discutir o caso mostrava o tamanho da perda daquele homem. Mas a realidade é que, apesar desse zeitgeist, meu sentimento predominante era

de esperança e alívio, pois minha mãe parecia melhorar. Mesmo hoje, sempre que vejo qualquer coisa sobre o Luther King, num primeiro instante, esqueço as circunstâncias de sua morte e costumo ser tomada por uma sensação levemente saudosista, quase feliz, pois me faz recordar dos tempos em que mamãe estava recuperada. Talvez eu até a associe a ele e suas palavras de força, também a veja como uma espécie de heroína... É lógico que as lembranças do porvir são sempre muito rápidas e que, quando chegam, destroem qualquer resquício dessa minha sutil alegria. Mas creio que seja justo pelo desejo de reinventá-las ou de algum modo impedi-las que compreendi a força de uma imagem eternizada e fiquei obsessiva pelo ofício da fotografia”.

Dentre as coisas de Vivian que lhe foram entregues anos depois do seu suicídio, Malena se lembra de duas, em especial: um mapa-múndi com o nome Brazil circulado e um caderno de anotações que parecia indicar o desejo da mãe de escrever um romance. Muito interessada em poesia desde o início de sua juventude, não era raro que Vivian comparecesse a saraus. E na biblioteca que havia montado no escritório de sua casa, é verdade, constavam muitos títulos. Mas a intenção de se lançar no universo ficcional foi algo que ela jamais tinha mencionado e que acabou restando como uma espécie de mistério. Afinal, por que Vivian, sempre tão próxima do circuito de artistas da cidade, se calou sobre esse sonho? Por que nem com Eva R. Saint, editora e sua melhor amiga, ela dividiu tais planos? Teria sido esse seu comportamento fruto de insegurança ou um meio mórbido de autossilenciamento com o intuito de supostamente não concorrer com a carreira

do seu então marido? Teria o sufocamento de suas palavras contribuído para sua própria ruína? Desde quando ela fazia aqueles registros? Muitas perguntas se apresentavam, e mesmo Jean Vincent Matrice, o homem com quem ela tanto dividiu e a quem tudo devotou, parecia desconhecer o grande segredo de sua ex-esposa. Segundo ele, em depoimento no documentário comemorativo de uma década da carreira da filha, “em nenhum momento dos nossos seis anos de casamento, nem mesmo quando discutíamos as provas dos meus livros, ela abordou o assunto. Teria sido até excitante acompanhar esta outra versão de Vivian, talvez isso prolongasse meu interesse na vida em comum que tínhamos. Para ser honesto, apenas posso dizer que, desde o nascimento de Malena, ela somente parecia entretida no desempenho do papel de mãe e, portanto, nunca cogitei coisa do tipo”.

Quem era, então, esta Vivian, a desconhecida que escrevia? Teria mesmo ela deixado algum manuscrito? Se sim, onde o havia guardado? Nas linhas do seu caderno de anotações, em letra cursiva, frequentemente, lia-se uma frase, um possível título: *Muito além do cão*. Mas, naquela casa, não habitavam animais ou nada parecido. O que, de fato, significava isso?

Faço uma prece para a mulher que fui, peço que me tome em sonho, que me faça despertar outra, alguém capaz de ultrapassar essas águas... Tal pensamento solto, sem relação com os demais conteúdos do seu texto, já indicava uma intenção para o ato final que Vivian cometeria? E o que dizer da constante presença, por aquelas páginas, dos versos de Emily Dickinson, também uma escritora quase reclusa, ausente de um mundo de maiores partilhas? “Esta é a minha carta para o Mundo. Que nunca escreveu de volta para Mim.”

Serviriam tais frases como epígrafes para o romance nunca encontrado ou, quem sabe, jamais escrito por Vivian?

Muitas são as perguntas que, ao longo de sua existência, Malena buscou responder sobre sua mãe. E se as hipóteses, na maioria das vezes, não conseguiam passar disso, uma certeza se impôs como pista: desde criança, Vivian se sentia uma impostora em sua existência. Muito tímida, nos anos de escola, ela guardava expectativas distintas das nutridas pela maioria das outras meninas. Ainda cedo, compreendeu que detestava trabalhos manuais e tarefas domésticas, passando mais tarde a sonhar em fazer faculdade de psicologia. Embora seus pais, os Taylor, admirassem o comprometimento da filha com os estudos e a estimulassem a ir em frente, mostrando-se até um tanto severos com suas notas e disciplina, mesmo eles também estipulavam limites para os voos que ela podia alçar. Universidade? Só se fosse de secretariado, afinal, deste modo, ela podia ajudar nos negócios da família. O script para Vivian, desde o nascimento, havia sido determinado: sob pena de restar solteira e sem perspectivas, ainda nos tempos de aluna, tudo deveria ser feito para que ela encontrasse um marido, pois, assim, as chances de este ser um rapaz com predicados, alguém benquisto e conhecido por seus pais, aumentavam. Proprietários de uma pequena rede de mercearias, os Taylor tomavam como certo que Vivian, depois da formação secundária, passaria a ajudá-los na administração do negócio, junto com Nicholas, seu filho caçula. Não era preciso, portanto, que ela fizesse mais do que o necessário. Afinal, quando se tratava de uma mulher, mesmo os melhores excessos quase sempre atrapalhavam. Enfim, é preciso que se ressalte que tudo isso não era explicitamente dito por eles e

que, durante um longo período, seus planos pareceram correr mesmo como o desejado. Não fosse a chegada de um forasteiro prenhe de certezas inventadas que, ainda por cima, se declarava artista.

Há quem insista que a felicidade, de fato, jamais tornou alguém feliz. Porque, no minuto em que se pensa que ela foi alcançada, a queda avassaladora faz seu primeiro aceno, passa a assombrar, no segundo contíguo, mesmo que de modo discreto, aquele que se acreditava a salvo, invencível. Natural, então, que lembremos de Lady Macbeth, arruinada em toda a sua glória, vítima do êxito que tanto almejou. Ora, nesse caso, com certeza, alguém argumentará: não foi uma hipótese de desastre pela felicidade, pois a culpa predominava, já que é impossível um ser humano ficar bem diante de uma atrocidade como a provocada por ela. Bom, preciso destacar: antes de um contraponto, tal observação apenas corrobora o que digo. Porque aquilo que faz alguém verdadeiramente feliz é a paz, mas isso é segredo que nenhum idioma conta, adjetivos se construíram em torno de signos errados, não mereceram suas derivações respectivas. Língua, essa coisa que nos parece dada, mas que necessita de uma apreensão cuidadosa, de um uso delicado, tamanha a sua possibilidade de fomentar equívocos, de se revelar o contrário dos seus absolutos. Língua, essa arma letal que, em plena claridade, pode ser acionada, proferida, sem sanções imediatas. Quantos estragos foram causados pelo mau uso de sílabas, pela formação de sentenças não amadurecidas? Assim, do mesmo modo que as palavras, instantes de felicidade sempre nascem se pretendendo definitivos, mas trazem consigo sua inevitável

derrocada, sua autoimplosão iminente. Falar da morte não nos aproxima dela; continuamos sendo sujeitos que quase nada sabem sobre os seus desígnios. Falar da morte apenas parece nos permitir alguma falsa intimidade com o desconhecido, pois certas coisas precisam ser obrigatoriamente vivenciadas para, de fato, restarem compreendidas. Segundo Jean Vincent Matrice, “naquele outono, quando meus olhos acharam os de Vivian, tive certeza de que iria me casar com ela. A cena do nosso primeiro encontro possuía o enquadramento perfeito. E eu não precisei fazer quase nada, tudo já havia se desenhado em outro plano, a arte e o amor se equivalem em sua fonte, nascem do mistério, ambos tecidos pelo destino. Vivian estava sozinha no banco verde da praça, as ondas de seus cabelos caíam sobre o suéter vermelho, e seus olhos apontavam na direção de um horizonte incerto. Era como se ela estivesse aguardando, siderada, por algum acontecimento que a transportaria para um mundo diferente. Em suas mãos, por acaso, via-se um livro em francês. O que será que tanto tentava ler aquela garota que parecia triste de um jeito bonito? Tudo soava encantador demais para ser crível. Mas havia, entre nós, um óbvio empecilho: recém-chegado naquela cidade, eu mal falava inglês, não fazia ideia de como abordá-la. *Ociosa juventude/ A tudo oprimida/ Por delicadeza/ Perdi minha vida*. Foi esse verso de Rimbaud que nos enlaçou e isso já devia ter nos servido como alguma espécie de aviso. Nunca podíamos ter mesmo acabado bem. Tal conclusão era fato que podia ser antecipado. Há inícios que se apresentam já carregados de simbolismos do seu fim. Tolo é aquele que ignora que poesia traduzida não passa de mentira”.

Se o contato inicial entre Vivian e Jean Vincent lhes pareceu mágico, já o dele com seus futuros sogros não poderia ter sido mais desastroso. John e Margaret Taylor, pessoas muito religiosas e que concebiam educação formal apenas como um meio para o indivíduo encontrar seu sustento, ficaram horrorizados com aquele francês por quem a filha havia se apaixonado. Pintor? Escritor? Na visão deles, as atividades que Jean Vincent dizia desempenhar nada mais eram do que uma desculpa charmosa para seu fracasso real, para sua preguiça em encontrar um trabalho de verdade, digno de um homem que pretende, de fato, constituir família. O que se podia, afinal, esperar de um jovem que, mesmo num país estrangeiro havia seis meses, pouco conhecia o idioma do lugar em que habitava? Que arrogância era essa que o fazia supor que sua língua lhe bastaria na terra dos outros? Apostava esse rapaz na sua beleza como trunfo total de conquista, a ponto de acreditar que pouco além disso lhe seria exigido?

“Mesmo diante das más condutas claras de meu pai, reconheço a dificuldade de não se deixar seduzir por ele. Audacioso e dono de olhos muito vivos, ele carregava uma confiança impressionante, parecia um leão, rei natural. Quando chegava nos ambientes, tudo se iluminava, o sol se abria, luminárias e candelabros se acendiam, coisas e pessoas encontravam suas melhores versões, tornavam-se grandiosas apenas para tentar impressioná-lo. Ele era absolutamente arrebatador, um verdadeiro deus. Mesmo na velhice, seu encanto continuou. Tinha uma voz magnífica. Lembro-me de, certa vez, ao escutá-lo cantando *La Bohème*, pensar: *se ele tivesse desejado ser um cantor de sucesso, também teria conseguido*. Sem dúvidas, meu pai foi o homem mais magnético que conheci. E ninguém sai impune por

descender de alguém assim. Quando abandonou minha mãe, todos os sábados ele me pegava para passear. Lembro que quase sempre comprava brinquedos muito caros para mim, coisas que eu somente tinha expectativa de ganhar em datas especiais. Além disso, ele me prometia viagens incríveis ao redor do mundo, sim, nós desbravávamos safáris e cavernas, castelos nos esperavam. Sonhávamos tanto juntos que, muitas vezes, quando eu voltava para casa, até febre tinha, tamanho o desespero que me abatia no fim de suas visitas. Bastava que ele fosse embora, que batesse a porta, para que a realidade voltasse e a minha vida perdesse, de novo, o sentido”.

Lourdes Matrice nasceu em Reims, na França, no ano de mil novecentos e quatorze, e foi batizada com o nome de Rosine Lourdes Moritz. Filha de Julie Carrier de Moritz com um indivíduo casado, cuja identidade jamais foi revelada, ela teve, desde os primeiros meses de vida, seus cuidados delegados a Marie Matrice, uma antiga empregada de seus avós maternos. Assim, muitos anos depois, quando decidiu seguir carreira no teatro, Lourdes, que sentia verdadeira adoração por Marie, passou a adotar seu sobrenome como uma espécie de homenagem. Sua família de origem jamais aceitou sua vocação artística e, até para eles, pareceu um livramento que o *de Moritz* tivesse sido abandonado. Considerada pelos biógrafos uma atriz extraordinária, dona de um talento raro e genuíno, a verdade é que, para além desses fatos, ninguém nunca conseguiu atestar se o que Lourdes narrava sobre sua juventude havia mesmo ocorrido. Extravagante, atea, ou-sada demais para uma mulher de sua época, ela parecia carregar uma tendência imensa para inventar histórias

e exagerar acontecimentos, características que costumavam colocá-la em evidência. Fofocas davam conta de que, depois de sua infância católica, ela se desvirtuara e sobrevivera um período como cortesã. Na imprensa local, no entanto, a crítica era quase unânime: pouco importava o que aquela moça havia feito fora dos palcos, pois era na pele dos outros que sua energia vital se fazia presente. Em cada papel que interpretava, mesmo os secundários, ela se revelava protagonista, impossível não se arrebatara com suas expressões tão convincentes. Na verdade, Lourdes era um desses acontecimentos raros, nada menos do que uma diva.

Se, em Paris, Lourdes Matrice logo se tornou conhecida por representar as obras em verso de Jean Racine, foi na Inglaterra que ela obteve um estrondoso sucesso no papel de Lady Windermere, tendo ficado em cartaz com tal peça de Oscar Wilde por mais de trinta e cinco semanas consecutivas. E essa sua primeira experiência internacional bem-sucedida a animou, então, a cruzar os oceanos. Já mãe de três crianças de pais distintos, ela viajou pela América do Sul por diversas vezes, tendo se apresentado em países como Argentina e Chile. O sucesso em solo norte-americano também não tardou a chegar. Depois de estreiar no cinema no papel de Sarah Bernhardt, ela decidiu fixar residência nos Estados Unidos, em mil novecentos e quarenta. A Segunda Guerra Mundial havia eclodido, e Maurice Millet, seu namorado da época, tinha sido enviado para combate. Seu coração francês estava em carne viva e um novo desafio lhe pareceu o melhor jeito de lidar com o caos que tomava conta do mundo. Certamente na Broadway encontraria um espaço consistente, afinal dançava e cantava como poucas. É verdade que ela

estava chegando perto da idade ingrata de trinta anos, fatal para a maioria das atrizes que sonhava em brilhar em Hollywood. Mas, ainda assim, apostava no seu talento e coragem, além do fato de que havia acumulado, ao longo dos anos de trabalho, uma quantia que lhe asseguraria uma boa vida na hipótese de seus planos não ocorrerem como o planejado. Marlene, Michelle e Jean Vincent, seus três filhos, moravam com parentes paternos, cada qual com sua própria família. Era ela quem os sustentava, seus ex-maridos não passavam de umas criaturas encostadas, homens sem ambições. Caso tudo fosse bem na nova terra, em algum momento buscaria seus meninos. Sim, porque depois de novos sucessos, talvez ela pudesse dar uma parada para que pudessem desfrutar juntos de um tempo de calma.

Segundo o ator Martin Liege, “foi no papel de Estragon, na primeira montagem norte-americana de *Esperando Godot*, que o chão de Lourdes começou a ruir. De repente, pela primeira vez, as palavras lhe fugiram. Um vazio tomou conta do seu corpo, ela se viu perdida, uma estranha em si. Recordo-me do seu olhar em branco, de sua boca que abria e fechava de modo aleatório, dos murmúrios que proferia, hiatos de suas tentativas desesperadas de acertar o que precisava ser dito. A plateia, lógico, não entendeu o que acontecia, achou que tal estranheza fazia parte do espetáculo, afinal, o absurdo era a essência da peça, e Lourdes costumava colocar cacos nos textos que encenava. Como estávamos perto do fim, pulei algumas partes e antecipei minha fala: *Estragon, vamos embora...* Mesmo no horror absoluto que atravessava, ela fez jus à atriz impecável que era. Com o rosto cheio de lágrimas, deu-me a mão e, encarando a plateia lotada,

em tom de despedida, disse-me: *Sim. É preciso se deixar ir.* Mesmo Beckett, que estava sentado na primeira fileira, levantou-se e nos aplaudiu, pasmo. De modo semelhante, por mais de dois minutos, os demais convidados daquela noite o acompanharam”.

Pode uma mulher artista se sentir, de fato, amada? Ou justo sua arte se faz necessária para que ela encontre meios de não encarar o espaço vazio que a todos nós habita? Não seria também o seu fazer artístico um modo de ela mascarar sofrimentos íntimos e de se apresentar ao mundo com uma máscara de especialidade? Depois desse episódio, Lourdes Matrice não foi aconselhada a voltar aos palcos. Havia acabado de completar quarenta e quatro anos. Os médicos, inicialmente, a diagnosticaram como vítima de uma estafa temporária. Mas diante da memória que, dia após dia, insistia em falhar, acabaram sugerindo que ela fosse descansar longe da agitação da cidade grande. Talvez os ares do campo a ajudassem a superar tudo isso. Marlene, Michelle e Jean Vincent, logo em seguida, foram convocados pelo seu agente para ajudá-la, neste seu momento difícil. Naquele tempo, ainda se acreditava que a família a tudo salva. Não, Godot jamais deu as caras.

Em mil novecentos e cinquenta e oito, quando os filhos de Lourdes chegaram para morar com ela, em Jackson, no Mississippi, o movimento norte-americano pelos direitos civis estava estabelecendo seus primeiros marcos. Rosa Parks já havia se recusado, no transporte público, a ceder seu lugar para um homem branco, prática, até então, antiga e obrigatória de acordo com as leis segregacionistas do seu estado. Em Little Rock, nove estudantes negros conseguiram, nas cortes federais, a possibilidade de estudar no

Ginásio Central da cidade, instituto educacional que apenas aceitava pessoas de pele clara. No entanto, muito jovens e imaturos, ao se mudarem, Marlene, Michelle e Jean Vincent Matrice quase nada sabiam sobre isso e tampouco eram cientes dos privilégios que carregavam. Apesar das evidentes dificuldades emocionais que possuíam devido à ausência da mãe em suas infâncias, ela os sustentava e bancava todos os seus luxos. Assim, ao longo da vida, os três tinham precisado fazer poucos esforços. Uma dinâmica relativamente comum havia se estabelecido entre eles: ainda que se queixassem dos efeitos deletérios que a fama de Lourdes gerava em suas rotinas, ela era também uma mulher que idealizavam e, de algum modo, eles se sentiam muito orgulhosos por descenderem de alguém tão admirado. E se não é possível atestar que Lourdes não sofria por saudades dos seus meninos, a realidade é que ela jamais cogitou renunciar à sua carreira e usava seu poder econômico para, mesmo a distância, controlá-los. Por morarem cada um com seus familiares paternos, seus filhos verdadeiramente pouco se conheciam. Seus contatos mais intensos ocorriam apenas uma vez por ano, nas férias escolares, quando ela os reunia. Portanto, a junção dos quatro, já adultos, quase estranhos uns para os outros, numa casa de subúrbio de um país desconhecido, sem dúvidas, era uma aventura desesperada, uma espécie de passeio de montanha-russa sem anteparo, qualquer coisa sem nenhuma estabilidade possível.

Vivian Taylor e Jean Vincent Matrice se casaram, em dezesseis de novembro de mil novecentos e cinquenta e oito, após quase quatro meses juntos, parte desse tempo, inclusive, namorando escondido. Depois de muito tentarem

convencer a filha de que tal matrimônio se mostrava um equívoco, John e Margaret acabaram cedendo e passaram a apoiá-la. Eram tão conservadores quanto pais amorosos e descobriram que pouco podiam fazer diante desse relacionamento avassalador. Fora isso, nada lhes parecia pior do que ter a filha distante deles e, no íntimo, também reconheciam que, apesar das grandes chances de estarem certos, o amor costuma mesmo ser um jogo de azar para todos, insensato e imprevisível como qualquer loteria. Assim, na *Primeira Igreja Batista de Jackson*, organizaram uma cerimônia sem exageros, mas com o capricho necessário, torcendo para que estivessem equivocados em suas previsões. Como acreditavam muito na infinita bondade de Jesus, eles se esforçavam para aceitar todo o disparate da situação. Como Vivian podia estar apaixonada por um rapaz que mal a entendia e com o qual se comunicava tão precariamente? Afinal, os chamados do corpo, através dos anos, arrefeceriam. Se pouco compreendia o que Jean Vincent pensava, por que diabos ela estava se unindo a ele? Por outro lado, ponderavam: surdos e mudos também não se casam? Não encontram modos de interagir e criar família a despeito disso? Lourdes, um tanto desnordeada, mas como sempre bem-vestida, compareceu ao casamento ao lado das filhas. Tony Legrand, seu novo namorado, músico sem expressão e o homem que a havia convencido a se mudar para o Mississippi quando do início do seu colapso, logo se desentendeu com os herdeiros recém-chegados e abandonou a mansão que dividiam juntos. Longe do aplauso do público e, pior, novamente uma mulher solitária, mesmo lotada de joias e roupas caras, Lourdes pouco valia perante a sociedade daquele tempo. Aos vinte e um anos, Jean Vincent se

tornou, portanto, o único responsável por administrar o imenso patrimônio da mãe, sem que jamais tivesse ocorrido qualquer questionamento sobre a legitimidade dessa escolha por parte das irmãs. Para Lourdes, mesmo tendo sido ela uma pessoa tão emancipada, era como se ele fosse seu sucessor natural, o encarregado divino em cuidar de tudo que lhe dizia respeito. Já em posse de todos os dados bancários da mãe, Jean Vincent passou a dar mesadas polpudas para Marlene e Michelle, além de pagar todas as despesas da casa em que moravam. E, por uma questão de justiça, já que ele havia ficado responsável por gerir tudo, pensou, portanto, que merecia também uma contrapartida: com um quinhão do “montante” da sua herança de uma mãe ainda viva, comprou a mansão em que passou a morar com Vivian.

Eis um vaticínio que desafia suas premissas: o sofrimento. Se dizem que seu único requisito de elegibilidade é estar vivo, nem mesmo os animais escapando de tal condição, talvez não se possa pensá-lo exatamente como uma prerrogativa, pois quase todos acabariam passíveis disso. Mas quem seria exceção? Podemos certificar, de fato, quais são os sujeitos que padecem? Não existem humanos indiferentes a tudo de tal modo que parecem imunes a qualquer dor emocional ou física? Plantas e montanhas respiram? Contam? Há para tais perguntas uma resposta acabada? Ou tudo depende do ponto de vista que adotamos em nossas escolhas narrativas?

O amor, desde cedo, é nos ensinado como algo inato, fundamental para a existência humana. Só que, ao contrário do sofrimento, a ninguém ele está assegurado, parece depender do elemento sorte ou de qualquer outra

coisa inexplicável para que possa ser vivido. Além disso, se a dor sempre nos encontra, o amor, diferentemente, se mostraria algo raro e necessitaria ser logo capturado. Ao menos era nisso que Vivian, naquele período, acreditava. O que podia ser pior do que uma rotina burocrática, sem grandes emoções, como a parceria que seus pais tinham? Não era muito melhor agarrar a vida com as duas mãos, mergulhar inteira nas ondas agitadas da alma, do mesmo jeito que Lourdes havia se permitido? Sem dúvidas, sua sogra tivera muitas decepções, mas também havia sentido prazer em grau máximo, possuía uma biografia subjetiva memorável. Vivian preferia correr riscos e ter um instante bem-aproveitado do que suportar mil anos tranquilos. No entanto, quando de sua separação, ela começou a se questionar: tal escolha precisava mesmo ter sido feita? Não podemos experimentar momentos intensos intervalados com períodos de calma? Não seria isso a receita para uma boa vida? “Minha mãe não era ingênua o suficiente para não prever que seu casamento poderia dar errado. Ela estava advertida de que, diante do histórico familiar de meu pai, ele pouco sabia sobre as renúncias necessárias para a constituição de uma família estruturada e talvez encontrasse dificuldades para se adaptar à sua nova rotina. Ainda assim, por uma brutal necessidade pessoal, ela apostava na hipótese mais otimista. Conhecer a paixão em toda a sua potência era a única coisa que, na época, lhe importava. Em sua opinião, a juventude eterna se confundia com isso. E diante de toda esta cultura que celebra e romantiza o sofrimento feminino, podemos mesmo culpá-la por tamanho equívoco?”

Simone de Beauvoir sustentava que “no dia em que for possível à mulher amar em sua força, não em sua fraqueza;

não para fugir de si mesma, mas para se encontrar; não para se demitir, mas para se afirmar; nesse dia o amor se tornará para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal”. Já bell hooks dizia que não há amor sem justiça e que o patriarcado permite que homens, que nunca pensariam em mentir no ambiente de trabalho, sintam-se completamente autorizados para fazer isso em seus relacionamentos íntimos. Durante quase três anos, Jean Vincent e Vivian contrariaram expectativas e conviveram na mais perfeita harmonia. Divertiam-se juntos, gostavam de cozinhar para os amigos e cuidavam do jardim que cultivavam. Tudo parecia correr bem melhor do que o planejado. Dinheiro, neste período, não se revelava um problema. Enquanto Vivian se dedicava ao negócio de seus pais, Jean Vincent administrava as finanças de Lourdes, pintava e escrevia. Dispunham de tempo para se dedicarem um ao outro e para realizarem seus intentos. No entanto, numa data fácil de ser lembrada, as coisas entre os dois começaram a sair dos trilhos. O repentino aparecimento de uma outra mulher teve o condão de desestabilizar tudo que vinham construindo. Malena Taylor Matrice nasceu em doze de fevereiro de mil novecentos e sessenta e um, com dois quilos e duzentos gramas, três semanas antes do previsto. Vivian, enquanto paria sua filha, ignorava: outra pessoa, naquele mesmo instante, morria. Sim, porque ela jamais seria a mesma de antes: irrevogavelmente, havia sido cindida. Tornar-se mãe é sempre suportar sua própria divisão. Assim como a despedida de si e do mundo da forma como os concebia.

Em suas memórias a respeito de sua melhor amiga, Eva R. Saint pondera: “Meus anos como editora me ensinaram

que todo grande livro guarda uma história secreta, algo que nem os próprios autores, muitas vezes, são capazes de compreender. Digo isso porque Vivian, no início da adolescência, tornou-se enigmática, parecia conter um mistério, qualquer coisa que nunca foi capaz de enunciar em voz alta. De uma hora para a outra, lá pelos seus treze anos, passou de extrovertida para a menina silenciosa que se sentia condenada por conta de uma longa sentença inespecífica. Algo terrível, anormal ou estranho havia lhe ocorrido? Será que sua repentina mudança de comportamento tinha sido causada apenas pelos hormônios da idade? Quem a via, no cotidiano, jamais seria capaz de imaginar o que se passava verdadeiramente dentro dela, pois continuava a ser gentil com quem a rodeava. Mas éramos próximas e eu intuía que tinha qualquer coisa errada acontecendo. Quando se casou com Jean Vincent, pensei que ela expressaria suas emoções com mais facilidade. Um engano imenso, preciso dizer. Até porque, perto de alguém como aquele marido que ela arrumou, tão vaidoso e cheio de si, mulher alguma poderia estar em primeiro plano. Não sei que desamor era esse que Vivian temia a ponto de suportar tantas humilhações conjugais. Apenas uma coisa posso assegurar: ela amava loucamente Malena. Mesmo depois de tudo que ocorreu com sua família, mesmo diante da imensa depressão que a abatia, ela buscava fazer o melhor possível. Nunca cogitei o rumo que tudo isso tomaria”.

“A dor de perder minha mãe, ainda tão nova, de não poder me despedir dela, fez com que eu passasse toda a minha existência esperando que ela voltasse, com a impressão de que tudo que me contaram era mentira. Durante décadas, ruminei nossos últimos dias, busquei

sinais para o que ela pretendia fazer. Na semana anterior ao episódio do lago, nós tínhamos assistido a um filme, estávamos contentes, ela parecia recuperada. Creio que *Hiraeth* foi o modo que encontrei de lidar com esta dor sem fim, com este meu inesperado abandono afetivo. Tudo que desejava era ser capaz de fotografar o inominável. Recriar o horror. Dar para minha mãe um funeral à sua altura: digno e artístico.”

Eu te busco, tiro-a das águas, chego a tempo, minhas forças dão conta, eu te acho, no lago, mamãe, todos os dias, mamãe, para sempre. Hiraeth, estamos juntas, mamãe, de mãos dadas, a cada amanhecer...

O que faz alguém seguir em frente, apostar na vida, mesmo sabendo que, algum dia, estará sozinho na superfície, como um corpo devastado, depois de perder tudo que de mais valioso tinha?

* * *

Malena Taylor Matrice foi a mais famosa multiartista americana da segunda metade do século XX. Num tempo em que as câmeras ainda não habitavam celulares, ela ousou falar de si de modo transformativo, reencenando a paisagem traumática de sua infância e se destacando pela coragem em não silenciar sobre temas proibidos de sua época. Bonita de um jeito não incômodo, pessoalmente mais frágil e discreta do que a própria obra, ela sabia se comunicar através de seu trabalho, tendo logo se tornando uma espécie de referência para gerações de mulheres. Sua contribuição proeminente ao debate a respeito das

doenças psíquicas que acometiam as donas de casa dos subúrbios americanos teve uma imensa repercussão, especialmente, porque não se imaginava que uma jovem de aparência tão adequada questionasse uma instituição como a maternidade ou ousasse ser voz dissonante da classe social em que foi concebida. Muito longe de uma persona panfletária, cuja arte se confundia com certezas peremptórias, Malena propunha que o público conhecesse o lado de dentro daquilo que apresentava, fazendo-o se compadecer de sua fauna de personagens reais ou recriados. Os títulos que nomeiam seus retratos e a forma como os organizou nas galerias integram uma linha mestra discursiva que se fez perfeita na integração entre matéria e palavra. De fato, o que Malena sempre buscou foi romper os limites das suas próprias imagens: desejava que os indivíduos retratados por ela fossem reconhecidos para além dos seus traços identitários, ansiava colocar luz no centro puro da nossa condição humana partilhada. “A assustadora dama plástica”, “a artista inimiga da família”, “linda princesa louca”, esses foram alguns dos modos pelos quais a imprensa conservadora norte-americana se referiu a ela nos anos em que esteve profissionalmente em evidência.

Se Malena fascinava pela fotografia tecnicamente inovadora e pelos ângulos que seu trabalho expunha, também não se pode negar a importância de sua própria aparência no seu processo de reconhecimento público. Contrariando o esperado, ainda muito cedo em sua carreira, ela alcançou um status de celebridade nunca visto antes por uma mulher preocupada com assuntos como o pensamento estético de Jacques Rancière e o conceito de arte de Walter Benjamin. Suas roupas e penteados eram copiados

por outras jovens e, a despeito do seu desejo, ela ocupava capas de revistas. Amiga de personalidades como Sting, Susan Sontag, Andy Warhol, Michelle Pfeiffer, Marina Abramović e John F. Kennedy Jr., Malena acabou se tornando, ironicamente, vítima do voyeurismo que tanto condenava. O analfabetismo visual que parecia virar regra no cenário cultural norte-americano e a insistência de um olhar coletivo pautado numa moral excludente e empobrecida sempre lhe causaram incômodo. Em uma de suas últimas entrevistas da década de oitenta, ela, inclusive, queixou-se de estar se tornando mais conhecida do que sua obra, tamanha a objetificação que a mídia fazia de sua figura. Malena ansiava por se tornar relevante intelectualmente, ser respeitada pelas ações que propunha, mas pretendia também desaparecer enquanto um corpo físico e detestava receber qualquer atenção que estivesse relacionada a isso.

Deste modo, mesmo diante de tantos percalços, quando decidiu abandonar a vida pública, após o estrondoso sucesso de sua segunda exposição, *Ravissement*, tal escolha causou extrema surpresa para quem a acompanhava. Alguns dos seus detratores passaram a dizer que sua renúncia era apenas a confirmação de que seu fazer artístico não se mostrava genuíno, pois bastou um homem rico aparecer em seu caminho para que ela abandonasse tudo que havia construído. Outros sustentaram que seu afastamento parecia um golpe de marketing, um modo de criar barulho para o próximo trabalho. Algumas feministas, inclusive, a criticaram de forma explícita, supondo que seu casamento com Thomas Weber era a causa dessa sua decisão e que isso provava o triunfo do patriarcado. Alguns amigos chegaram a sustentar que, do mesmo jeito

que ocorreu com Lourdes Matrice, sua avó paterna, Malena também estava em colapso. Seu pai e mentor, Jean Vincent, na época, quando procurado pela imprensa, recusou-se a comentar o fato. A verdade sobre as razões de Malena, durante muitos anos, permaneceu, então, escondida. Até treze de agosto de dois mil e vinte e dois, quando ela encontrou esta jornalista, e, juntas, pactuamos a escrita desta sua quase biografia.

* * *

No primeiro ambiente do *Piscinas Russas*, somos convidados a entrar numa pequena sala escura e a assistir a um curta-metragem chamado *As três que avisam*, veiculado numa das paredes da galeria. É dessa forma que passamos a ser apresentados a parte dos personagens da intrigante história que Malena Matrice, depois de quase quarenta anos de hiato, deseja nos contar. Assim vemos, inicialmente projetadas, uma sucessão de fotografias de sua sogra, Aida Weber, no seu leito de morte. Em seguida, eu, Renata Belmonte, apareço em cena, lendo o prólogo do meu último romance publicado, *Mundos de uma noite só*. Por fim, no momento contíguo, surge, na tela, Teresa Versant, diretora do clássico documentário *Quando os sinos não badalam*, sobre a ditadura militar brasileira. Com uma expressão soturna, Teresa, então, avisa: *Você precisa saber da piscina*. Talvez pela trilha sonora, uma versão estranha e lenta de Baby, canção imortalizada pela saudosa Gal Costa, no instante em que tal filme acaba, estamos tomados por um inusitado sentimento de medo. Não, o desconhecido para ninguém é fácil. Sim, há águas e pessoas que jamais devem ser desvendadas. *Você precisa saber da piscina*. Nós, mulheres

tão distintas, marcadas por uma mesma narrativa: bruxas de Macbeth? “Tão feio e belo dia eu jamais vi.” A profecia foi dada. E não há o que se fazer, viramos cúmplices de um mesmo absurdo. Portas se fecham. Da própria inconsciência, ninguém é capaz de escapar.

TUSQUETS
EDITORES